

Editorial

Dez artigos compõem o número 41 de *Educação em Revista*, que ora trazemos ao nosso público leitor, numa data em que a revista comemora os seus vinte anos de existência. Desse número participam pesquisadores e pedagogos de diferentes lugares de prática e formação: do Ensino de História, da História, da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia da Educação e da Pedagogia. No seu conjunto, os artigos lançam o desafio de pensar a educação a partir de problemas postos pelo nosso tempo presente. Todos, certamente, contribuem para incrementar o conhecimento e a pesquisa no campo da Educação, nas suas múltiplas dimensões e abordagens.

A revista é aberta pelo artigo “Na educação histórica, a memória não vale a razão!”, de Christian Laville. O título provocador nos instiga a refletir sobre o papel da memória e da razão na educação e, em especial, na educação histórica. Preocupado com o espaço que vem ganhando a memória na sociedade contemporânea, o autor ressaltava os embates travados nos planos concreto e simbólico para se construir, impor, ou promover lembranças (ou esquecimentos) que legitimem o exercício do domínio político. Sem menosprezar o papel da memória social na formação moral e política do cidadão e na formação dos sentimentos de pertencimento e identidade, Laville ressaltava o papel da razão (seu poder de promover a liberdade e a autonomia dos sujeitos) como dispositivo intelectual de vigilância contra os usos e abusos da memória.

O segundo texto, “A exteriorização da escola e a formação de professores”, focaliza um momento específico da História do Brasil, também nos levando a pensar a respeito da relação entre história, memória e educação. A autora, Thais Nívia de Lima e Fonseca, centra sua análise no papel das festas cívicas como estratégia educativa do projeto modernizador implementado pelo Estado no Brasil dos anos 30 aos anos 60. A escola, por meio da exteriorização de sua ação pedagógica, leva para o espaço público a comemoração de episódios da história da nação, contribuindo para a formação da identidade nacional coletiva. Cabe-nos, então, perguntar: no tempo presente, de que forma a escola exterioriza a sua ação pedagógica?

Os dois artigos seguintes se inserem no campo de investigação da formação de professores, oferecendo-nos, contudo, análises fundamentadas em diferentes perspectivas teóricas. O trabalho de Regina Pahim Pinto, "Formação do professor e diferenças raciais e culturais: a visão das revistas da área de educação", focaliza, no âmbito da formação de professores, a abordagem das diferenças raciais e culturais. Por meio da análise de produções publicadas em 21 revistas da área da educação entre 1990 e 2000, Regina mostra como o tema tem sido tratado, evidenciando as questões discutidas, as metodologias utilizadas pelas pesquisas, os embates políticos que as caracterizam e as ações pedagógicas propostas para a superação da discriminação racial. Por sua vez, Luiz Antonio Saléh Amado, no artigo "Problematizando a formação dos futuros trabalhadores/professores", propõe uma análise das relações entre os processos de formação de professores, de subjetivação educacional, e os processos de trabalho regidos pela lógica reformista e neoliberal. O autor, que tem em vista especialmente a formação de professores, lança um olhar sobre a produção a respeito da formação docente ao longo dos últimos 35 anos e destaca uma tendência crescente de estudos que adotam uma perspectiva crítico-problematizadora da relação entre educação e mercado de trabalho.

A possibilidade de permanência de jovens pobres na universidade é o tema do artigo de Écio Antonio Portes, "O estudante pobre na Universidade Federal de Minas Gerais: uma abordagem histórica". Valendo-se de uma documentação variada, Portes resgata a história da criação e da consolidação de um programa de assistência ao estudante pobre na universidade. Entre os documentos consultados e analisados pelo autor, destacam-se extratos de cartas de estudantes demandantes de auxílio, nas quais se revelam trajetórias de vida familiar, e um documento escrito de próprio punho por Carlos Drummond de Andrade, reconhecendo a pertinência da solicitação de um estudante pobre de medicina. Nosso poeta, além de se declarar conhecedor da situação financeira do estudante, defende o acesso do pobre à educação como um direito social, e não como um mérito devido a capacidades intelectuais incomuns.

Eliane Peres escreve o sexto artigo deste número de *Educação em Revista*. Em "Hora de leitura pedagógica", a autora analisa o *Livro de Atas da Hora Pedagógica* de um grupo escolar do Rio Grande do Sul, adotando a perspectiva da história da leitura (mais especificamente, das

leituras profissionais). Assim, Peres reconstrói a história da leitura de uma geração de professoras primárias, chegando à conclusão de que “as mudanças pedagógicas também impõem novas formas de ler e novos suportes de leitura, introduzem novos autores, criam novos projetos editoriais”.

Os artigos seguintes compõem a seção temática de *Educação em Revista*, que neste número se intitula *Educação e Cinema*. Configurando uma prática cultural e educativa, essa temática vem ganhando espaço nos currículos de formação de pedagogos e professores. Convidando autores de diferentes universos acadêmicos, a pesquisadora Inês Teixeira organizou a seção e, com ela, lançou um desafio a que esperamos dar prosseguimento.

O que têm o cinema e a educação a dizer um ao outro, a dizer para nós e sobre nós? Como falar em cinema sem falar na cultura da imagem na sociedade contemporânea? Em “Educar la mirada: notas sobre los aportes de la imagen a la formación docente”, Inês Dussel problematiza a formação para a leitura de imagens visuais. Que ações, emoções, conhecimentos, estereótipos, representações, imaginários, sensibilidades e disposições éticas mobilizam essa linguagem? Como ler um texto cuja linguagem é outra, que conjuga linguagens, que tem outra gramática, outro suporte? Ao colocar em debate uma experiência de formação de docentes, Dussel evidencia o poder das imagens na abordagem da identidade, da diferença e da discriminação na escola.

Em “O cinema e a História: reflexões e relato de uma experiência de ensino”, Luiz Carlos Villalta, Maíra Siman Gomes, Simone Calil Ramos e Silvia Lara Michel exploram a possibilidade de tratar o cinema como uma fonte documental. O que é o cinema para a história, e o que é a história para o cinema? Como o ensino de História pode se beneficiar da relação entre história e cinema? Ao levarem para a sala de aula o filme *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*, de Carla Camurati, os autores engajaram seus alunos numa experiência de inegável valor pedagógico. Apropriando-se de conhecimentos históricos (revistos, ampliados) e de procedimentos de produção do conhecimento histórico, os alunos puderam aproximar e distinguir o cinema e a história. Segundo o registro da experiência, os alunos assumiram “um posicionamento crítico não apenas em relação à produção cinematográfica de Camurati, mas também em relação a outras obras culturais, como a novela, o teatro e a música”.

José de Sousa Miguel Lopes encerra nossa seção temática com um ensaio que critica a hegemonia hollywoodiana no cinema. Arrolando um conjunto de argumentos que revelam a lógica do cinema hollywoodiano, o autor alerta-nos contra seus efeitos sobre a audiência. Que papel teria a educação em relação ao imaginário construído pelo cinema americano? A idéia de propor alternativas a esse cinema é rigorosamente defendida pelo autor: devemos oferecer aos jovens “filmes que contam histórias de preconceitos, discriminações, injustiças, desigualdades e falta de respeito a seres humanos em várias partes do mundo”.

Finalizamos a revista com **Palavra Aberta**, um espaço para as palavras polêmicas, para os posicionamentos que convidam abertamente ao debate, à réplica, à tréplica. Dessa seção participam pesquisadores, professores, estudiosos que, por meio de um determinado ponto de vista, expressam os incômodos vivenciados em seu cotidiano profissional. **Palavra Aberta** tem compromisso com a palavra como um ato político, com a palavra diante da qual não devemos nos calar. Desta vez, quem escreve para **Palavra Aberta** é Jorge Larossa. Conhecido entre nós por suas obras e por sua presença em diversos eventos do meio educacional, Larossa, no ensaio “Uma lengua para la conversación”, apresenta-nos seus incômodos, suas denúncias, seu modo de pensar; fala sobre a sua e a nossa ação no mundo por meio das palavras. Precisamos ler seu texto com disposição para rever a linguagem que temos usado para nos manifestar. O autor nos convida a encontrar a linguagem que contém as palavras que dizem também sobre nós mesmos, que, falando sobre o objeto em estudo, transformando esse objeto, nos transforma. “Necessitamos de uma linguagem para conversação” – esse é o desafio lançado a quem usa o discurso científico, discurso que pode esterilizar-se a ponto de tornar-se neutro, sem cor, sem cheiro, sem luz, sem sombras, sem temores e esperanças, sem as marcas das experiências dos sujeitos que o produzem.

Desejamos, portanto, que a diversidade dos discursos que constituem os artigos aqui publicados inspire nossos leitores, encontrando acolhida na linguagem de suas conversações, nos espaços escolar, cultural, familiar e profissional. Desse modo, o Comitê Editorial de **Educação em Revista**, o qual eu tive o prazer de dirigir, juntamente com Marildes Marinho, durante um curto espaço de tempo, entrega aos seus leitores o seu segundo número e, com ele, devido às injunções profissionais de

cada um de seus membros, encerra seu trabalho. Melhor dizendo, transferimos para colegas Eduardo Fleury Mortimer, Marlucy Alves Paraíso e Bernardo Jefferson de Oliveira a responsabilidade que abraçamos com muita determinação. Aos que colaboraram conosco – autores, pareceristas, professores e funcionários técnico-administrativos –, ombreando diversas tarefas em momentos variados, tornamos público o nosso agradecimento. Registramos também nossos especiais agradecimentos aos atuais coordenadores do Programa de Pós-Graduação da FaE/UFMG, Prof. Luciano Faria Filho e Profª Ana Rabelo Gomes, à atual direção da FaE/UFMG e à Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG, que, ao apostarem, como nós, no projeto desta revista, possibilitaram a publicação dos números 40 e 41, sob a nossa responsabilidade.

Lana Mara de Castro Siman (Editora)